

Entrevista com ÉMILE BRÉHIER

(Realizada por Evaristo de Moraes Filho, em abril de 1936, quando aqui chegou o grande pensador francês para ministrar um curso de História da Filosofia na antiga Universidade do Distrito Federal)

As perguntas feitas por Evaristo de Moraes Filho:

A) A antiga e a nova filosofia - Concorde com a necessidade da substituição da filosofia clássica por uma nova filosofia, conforme apregoam os irracionalistas e os pragmatistas radicais?

B) Ciência e filosofia - Existe de fato esta inutilidade, tão divulgada hoje em dia em certos meios, do estudo da filosofia para a vida científica? Isto é, e verdadeira a tendência de certos filósofos atuais, segundo a qual a filosofia perdeu a sua razão de ser, por não poder mais apresentar uma concepção geral e sintética das ciências particulares, que teriam ultrapassado a sua antiga missão?

C) Teoria do conhecimento - A teoria do conhecimento particular, independente, ou é, antes, uma simples parte da filosofia científica? Não seria melhor encará-la como um resultado necessário e único da fusão: física-psicologia-lógica?

D) Intelectualismo e antintelectualismo - A rigor, não lhe parece perturbador o movimento antintelectualista de hoje, em prejuízo do autêntico pensamento racional e filosófico?

E) Filosofia e liberdade - Que lhe dizem sobre o futuro da filosofia às vésperas da sufocação da liberdade nas lutas políticas, do mundo contemporâneo?

As respostas de Emile Bréhier:

"As questões que foram colocadas por você, e as quais não me iludiu de dar uma resposta decisiva, mostram-me a importância que encerram a filosofia e como senti vivamente a crise que ela atravessa.

Reunirei três dessas questões, a primeira, a segunda e a quarta, que propõem três oposições, uma entre "a antiga e a nova filosofia" outra entre "a ciência e a filosofia", a terceira entre "o intelectualismo e o antintelectualismo".

B) E começarei pela segunda. Antes de respondê-la, desejo advertir-lhe contra uma concepção, falsa ainda que muito difundida, da história da filosofia: não é verdade que tenha havido uma época em que a filosofia houvesse contido e dominado todas as ciências, tendo estas mais tarde se destacando pouco a pouco do seu conjunto, despojando-a de todo seu conteúdo. A verdade é bem outra: as chamadas ciências positivas nasceram de técnicas práticas, que não mantêm nenhuma relação com a filosofia. A necessidade de medir os terrenos, de trocar os produtos, de regular os trabalhos dos campos fizeram com que surgisse a geometria, a aritmética, a astronomia. A física e a química nasceram de técnicas como, por exemplo da metalurgia ou da preparação de substâncias e medicamentos. A ciência dos seres vivos vem da medicina. O caráter comum de todas essas técnicas é de se entregarem elas a operações diretamente sobre a matéria. Foram sempre positivas e nunca deixaram de sê-lo.

A filosofia tem um objeto intrinsecamente diverso. O objeto da filosofia é, de um modo geral, o próprio espírito. Quais são, assim, as relações reais entre a filosofia e as ciências? Para se compreender este ponto, torna-se necessário recusar um pouco no tempo para surpreender em suas origens o nascimento dessas relações. Surgiram no mesmo grego de exigências que eram inerentes ao próprio desenvolvimento da ciência. As regras puramente técnicas e empíricas acham rapidamente seus limites. Assim, para lembrar somente um exemplo clássico, percebeu-se desde logo que não se podia tomar qualquer unidade para medir uma extensão: a diagonal de um quadrado não poderia ser medida exatamente tomando-se por unidade o lado do quadrado ou a metade desse lado, ou seu quarto, ou seu oitavo, e assim por diante. Esta descoberta do irracional, torça o espírito a se interrogar sobre as capacidades e os limites da razão humana, e desta indagação nasceram as filosofias, tais como a dos pitagóricos e a de Platão.

Os obstáculos encontrados pelas ciências foram as mais propulsores do surgimento da própria filosofia. Vieram com que as ciências se enforcassem por ultrapassá-las. Nessa esférica, o trabalho espiritual, que a ciência, toma consciência dele mesmo. E esta consciência é a filosofia. Mostra a experiência de

história que a maior parte dos séculos, quando procura aprofundar o estudo de sua ciência, chega necessariamente às preocupações da filosofia. Basta lembrar os nomes de d'Alembert, de Henri Poincaré, de Duhamel, de Einstein e do mais ilustre de todos, Descartes, que procurou nas matemáticas as condições gerais da certeza.

A utilidade da filosofia para a ciência só desapareceria se as ciências fossem reduzidas a simples técnicas, cujas regras pudessem ser aplicadas quase que automaticamente, sem a menor necessidade de serem compreendidas.

A-D (1.ª e 4.ª questões) - Para responder à primeira e à quarta questões, sinto que é necessário recordar muito ligeiramente em que condições nasceram as filosofias irracionalistas, pragmatistas e antintelectualistas. São, um protesto, em princípio absolutamente justificado, contra o caráter apartado, afastado da vida real, que havia tomado a filosofia nas últimas décadas do século XIX. Antipagam essas doutrinas, com razão, que uma verdade, para ser tal, deve revestir-se de uma significação concreta. Isto é, deve modificar a atitude do indivíduo que conhece a respeito do real. Davam como exemplo as verdades experimentais da ciência, que, à medida que são descobertas, transformam nossa conduta. Por outro lado, as verdades religiosas são também, elas próprias, inseparáveis da ação. Torna-se necessário, porém, observar duas coisas:

1.ª - O êrro do intelectualismo, contra o qual essas doutrinas protestaram, não é inerente ao verdadeiro intelectualismo. Platão o tipo clássico e o chefe do intelectualismo, via nas ciências e na contemplação das idéias a condição segundo a qual podiam os filósofos instituir a justiça na cidade. Descartes admitia como "os frutos da árvore da filosofia": a medicina, a moral e a mecânica". A doutrina de Hegel conclui numa filosofia do direito, da arte e da religião. O irracionalismo prestou, assim, os maiores serviços à filosofia chamando-a ao seu verdadeiro destino.

2.ª - Não é menos verdade que o pragmatismo propriamente dito se baseia em duas teias, das quais uma é falsa e a outra pouco prática, e pouco preciso subordinar a pesquisa da verdade à utilidade, de vez que não se determinou o conceito, muito vago, do útil.

A primeira questão, responderei então: não há filosofia antiga e filosofia nova. O que chamamos de "filosofia nova" nada mais é, no fundo, do que a afirmação da necessidade, para a filosofia, de voltar aos problemas concretos. Quanto à quarta questão, eu direi: o antintelectualismo, tomado em si mesmo e independentemente dos partidos políticos que o querem explorar, não possui nada de perturbador.

C) 3.ª questão - A teoria do conhecimento tem necessariamente por fundamento as formas concretas do conhecimento, entre as quais se encontra o conhecimento científico. Desde então da ciência, na medida em que é uma reflexão sobre esta mesma ciência: ela porque se prende a teoria do conhecimento tanto à física como as outras ciências. Sua relação com a psicologia sugere um problema difícil de se resolver: a teoria do conhecimento encara o conhecimento em sua estrutura universal, em suas leis gerais. Ignora os aspectos que pode tomar esse conhecimento entre os próprios indivíduos. E estes são os aspectos estudados pelos psicólogos. Mas, de outro lado, não é menos certo que o conhecimento já acabado, tal como se encontra nas ciências, não pode ser explicado se se ignora o que é o conhecimento entre os primitivos, as crianças, etc. A lógica, enfim, tomada em sentido estrito, é o conjunto de regras técnicas e práticas do raciocínio, e ela não faz parte da teoria do conhecimento. Considerada em sentido mais amplo, como estudo teórico dos processos do raciocínio empregados pelas diferentes ciências, confunde-se a lógica parcialmente com a teoria do conhecimento.

E - 5.ª questão - O futuro da filosofia? Não sou profeta, e por isso não posso prevêê-lo. Contudo, talvez vos possa dizer porque não posso prevêê-lo. A filosofia é, como ciência e arte, dessas atividades espirituais que, de um lado, exigem para realizá-las condições numerosas e complexas (sociais, psicológicas, etc.) e que, de outra

parte, dependem ainda da liberdade e da iniciativa humanas, que são completamente imprevisíveis.

A respeito do primeiro ponto escrevi em resposta anterior que, se as ciências se reduzissem a técnicas, não teriam mais nenhuma necessidade de se completarem por uma filosofia. Pode-se generalizar essa afirmativa e dizer que se a sociedade humana tende, como o crêem algumas pessoas, para um estado análogo ao das sociedades animais, nas quais parece estar tudo regulado mecanicamente, a filosofia, e em geral qualquer outro processo inventivo do pensamento, tornar-se-á inútil e impossível. Contudo, felizmente, restará sempre ao homem a possibilidade de libertar-se do mecanicismo e utilizar-se dele como um meio, ao invés de ser vítima dele. Quando, porém, se ele usa esse meio, ele mesmo, através dos tempos, ele poderá usá-lo, se a humanidade não obedecer ao estado de um atomismo que se torna escravo de sua rotina e de seus hábitos: então a filosofia desaparecerá.

A filosofia nada mais é do que a medida da liberdade que o espírito guarda diante da realidade que o cerca e o constrange. A morte da filosofia seria a renúncia a esta liberdade e, com ela, a morte da própria civilização ocidental. Penso, assim, ter respondido, na medida das minhas forças, às graves indagações que me propuseram. Não quero terminar sem vos dizer quanto me sinto feliz de ver que estas questões preocupam a juventude intelectual do Brasil. Acrescento que o futuro da filosofia parece-me depender praticamente de duas condições: 1.ª - um ensino filosófico dado nos colégios de ensino secundário no término de seus estudos, e nas faculdades; 2.ª - a existência de sociedades filosóficas constituídas pela iniciativa de pessoas que se reunissem para discutir questões puras e estritamente filosóficas, e através de grupos livres deste gênero que se podem produzir a simpatia e a aproximação dos espíritos, condições indispensáveis à existência e ao futuro da filosofia."

Handwritten note: "bona noite" / "apenas"